

DE V I R ES

C I n e m a e H u m a n I d a d e s

ORGANIZAÇÃO DOSSIÊ STRAUB E HUILLET

João Dumans
Mateus Araújo

CONSELHO EDITORIAL

Ana Luíza Carvalho (UFRGS)
Cristina Melo Teixeira (UFPE)
Consuelo Lins (UFRJ)
Cornélia Eckert (UFRGS)
Denilson Lopes (UFRJ)
Eduardo Vargas (UFMG)
Ismail Xavier (USP)
Jair Tadeu da Fonseca (UFSC)
Jean-Louis Comolli (Paris VIII)
João Luiz Vieira (UFF)
José Benjamin Picado (UFBA)
Leandro Saraiva (UFSCAR)
Márcio Serelle (PUC/MG)
Marcius Freire (Unicamp)
Maurício Lissovsky (UFRJ)
Maurício Vasconcelos (USP)
Patrícia Franca (UFMG)
Phillipe Dubois (Paris III)
Phillipe Lourdou (Paris X)
Réda Bensmaïa (Brown University)
Regina Helena da Silva (UFMG)
Renato Athias (UFPE)
Ronaldo Noronha (UFMG)
Sabrina Sedlmayer (UFMG)
Silvina Rodrigues Lopes (Universidade Nova de Lisboa)
Stella Senra
Susana Dobal (UnB)
Sylvia Novaes (USP)

EDITORES

Anna Karina Bartolomeu
André Brasil
Cláudia Mesquita
César Guimarães
Carlos M. Camargos Mendonça
Mateus Araújo
Roberta Veiga
Ruben Caixeta de Queiroz

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Bruno Martins
Carlos M. Camargos Mendonça

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Thiago Rodrigues Lima

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Glaura Cardoso Vale
Maria Ines Dieuzeide
Thiago Rodrigues Lima

REVISÃO - PORTUGUÊS

João Dumans
Mateus Araújo

IMAGENS

Stromboli (Roberto Rossellini, 1950) (pág. 12)
Jeanne au bûcher (Roberto Rossellini, 1954) (pág. 18)
Am Siel (Peter Nestler, 1962) (pág. 24)
Von Griechenland (Peter Nestler, 1965) (pág. 28)
Viagem à Itália (Roberto Rossellini, 1954) (pág. 34)
Antígona (Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, 1991) (págs. 46, 62)
O noivo, a atriz e o caferão (Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, 1968) (pág. 74)
Moisés e Aarão (Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, 1975) (págs. 88, 102 e 104)
Composição de fotografias pág. 108, ver nota pág. 111
Aqueles encontros com eles (Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, 2006) (pág. 138)
Onde jaz o teu sorriso (Pedro Costa, 2001) (pág. 160)
Cemitério na falésia (Jean Rouch, 1950) (pág. 182)
Trás-os-montes (Antonio Reis e Margarida Cordeiro, 1976) (pág. 194)

APOIO

Grupo de Pesquisa *Poéticas da Experiência*
FAFICH – UFMG

Publicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Avenida Antônio Carlos, 6627 – Pampulha 31270-901 – Belo Horizonte – MG Fone: (31) 3409-5050

D 495 DEVIRES – cinema e humanidades / Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) – v.10 n.1 (2013) –

Semestral
ISSN: 1679-8503

1. Antropologia. 2. Cinema. 3. Comunicação. 4. Filosofia. 5. Fotografia. 6. História. 7. Letras. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Sumário

- 7 Apresentação
João Dumans e Mateus Araújo
- Dossiê: Straub e Huillet**
- 12 A obra de Rossellini tem uma significação cristã?
Jean-Marie Straub
- 18 Os próximos cinco filmes de Rossellini
Jean-Marie Straub
- 24 Peter Nestler, um documentarista não reconciliado
Jean-Marie Straub
- 28 Introdução a Nestler
Jean-Marie Straub
- 34 Viagem às litánias
Jean Narboni
- 46 O ponto de vista das pedras
Luiz Carlos de Oliveira Jr.
- 62 Straub/Huillet e Antígona: o rigor do mito
João Lanari Bo
- 74 Estratégias de distanciamento em *O noivo, a atriz e o café*
Theo Duarte
- 88 Composição musical e pensamento cinematográfico: Reverberações da música de Schoenberg no cinema de Straub-Huillet
Pedro Aspahan
- 108 Straub, Huillet e o ensaísmo dos outros
Mateus Araújo
- 138 Mito e Natureza nos Straub: Pavese, Hölderlin e Cézanne
João Dumans
- 160 Fotograma comentado - Um fotograma de diferença
Anita Leandro
- Fora-de-campo**
- 182 Rouch narrador
Émile Breton
- 194 A consistência do fantasma
Emílio Maciel
- 220 Normas de publicação





Apresentação

Em quase cinquenta anos de trabalho, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet construíram uma das obras mais importantes do cinema moderno, que ele prolonga em solo após a morte dela em 2006. Já na década de 1960, os primeiros filmes do casal impressionaram vivamente alguns dos melhores cineastas brasileiros, como Glauber Rocha, Júlio Bressane e Paulo César Saraceni, aos quais se seguiram, um pouco depois, Luiz Rosenberg, Arthur Omar, Ricardo Miranda e Carlos Reichenbach, entre outros.

De lá para cá, o impacto causado pela obra do casal entre nossos cineastas e nossos críticos não chegou porém a se traduzir em contribuições brasileiras de fôlego à bibliografia consagrada a ela, que foi se avolumando no mundo. Embora alguns de seus filmes tenham sido exibidos por aqui em cinematecas, cine-clubes e mostras, publicamos muito pouco sobre eles até 2000, ano do lançamento comercial no Brasil de *Gente da Sicília* (1998), o primeiro filme deles a estrear em nossas salas e a suscitar, assim, algumas resenhas na imprensa.¹ Incluindo-as ou não, o balanço continuava magro: considerações lúcidas de Glauber nos artigos “O Novo cinema no mundo” (*O Cruzeiro*, 30/03/1968) e “Glauber Rocha escreve: assim se faz a revolução no cinema” (*Manchete*, n.939, abril 1970)¹, evocações admirativas de Saraceni em seu livro de memórias *Por dentro do cinema novo: minha viagem* (1993)², alguns parágrafos penetrantes de Arthur Omar na sua conferência “Cinema: música e pensamento” (1995)³, sugestões de comparação dos Straub com Ozu e Brecht no ensaio de Stella Senra “O Homem de Costas” (2000)⁴ e o belo artigo de Bressane “Jean-Marie Straub, a *Crônica de Anna Magdalena Bach*” (2003)⁵ constituíam até recentemente o principal do debate público brasileiro sobre a obra do casal - que também enfrentou resistências por aqui.⁶

Seja como for, embora não conheçamos pesquisas mais circunstanciadas sobre a recepção e a eventual influência do trabalho dos Straub junto aos cineastas, aos estudiosos e ao público cinéfilo do Brasil, podemos constatar que a admiração pelos seus filmes atravessou as décadas e parece ter re-emergido por aqui em anos recentes, quando seu lançamento em DVD, sua circulação na

1. Recolhidos respectivamente em *O Século do cinema* (1983, Reed. Cosac Naify, 2006, p.345 e 350-1) e *Revolução do Cinema Novo* (1981, Reed. CosacNaify, 2004, p.223-4).

2. Rio: Nova Fronteira, 1993 (cf. p.210-1, 241 e 323).

3. Recolhida em Ismail Xavier (org.), *O Cinema no Século*. Rio, Imago, 1996 (cf. p.270-3).

4. *Folha de S. Paulo*, 6/8/2000, *Mais!*, n.443, p.30-1.

5. Incluído no seu livro *Fotodrama* (Rio: Imago, 2005, p.7-15), depois de aparecer em italiano no de Roberto Turigliatto e Simone Fina (a cura di), *Julio Bressane* (Torino, Lindau, 2003, p.67-8).

6. Elas transpareceram, por exemplo, numa bronca de Alex Viary em 1968 a Saraceni e Bressane por terem eles adorado a *Crônica* (cf. Saraceni, Op. cit., p.241), num desabafo de Arnaldo Jabor contra a influência de Straub (*Filme Cultura*, n.30, agosto de 1978, p.8) e numa referência desdenhosa de Leon Cakoff a Straub, que faria “um tipo de cinema falado muito antes de Caetano Veloso, [...] com a diferença de que não tem humor ou graça” (*Folha de São Paulo*, 27/2/1987, p.48).

internet e sua presença mais constante em nossos festivais facilitaram seu acesso. Assim, ainda que com atraso e vagar, sua obra vem se tornando aos poucos mais conhecida e discutida no Brasil.

Em janeiro de 2012, uma retrospectiva praticamente integral coroou esforços variados (aí incluídos os de outros admiradores que tentavam noutras frentes implementar projetos semelhantes) e trouxe ao CCBB de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília 28 filmes do casal e 8 mais recentes de Straub. Embora tardia, ela ajudou a colocar em novo patamar o conhecimento e a discussão brasileiros do trabalho dos Straub. Junto com a exibição dos filmes, e com os debates que a secundaram, um catálogo exigente organizado a dez mãos⁷ reuniu 19 textos, 3 entrevistas e um diário de filmagem dos cineastas, além de 8 textos importantes de alguns dos seus melhores intérpretes franceses e italianos. Com um único texto de autor brasileiro no seu sumário⁸, o catálogo careceu porém de esforços de reflexão propriamente brasileiros sobre o trabalho dos cineastas.

Federar e impulsionar tais esforços (que avançam também em pesquisas universitárias⁹ e revistas eletrônicas¹⁰) foi o que buscamos neste volume monográfico, o quinto na história da revista a se concentrar em obras de cineastas particulares. Em números anteriores, já havíamos nos debruçado sobre o trabalho de Jean-Luc Godard, Pedro Costa, Jean Rouch, Chantal Akerman e Andrea Tonacci. Agora é a vez dos Straub.

Trazendo ainda a primeira tradução em português de quatro textos de Straub de 1955 a 1972 (sobre Rossellini e Peter Nestler) e de um ensaio notável de Jean Narboni (um dos seus intérpretes mais finos na França) sobre *Relações de Classe* (1984) e *Sicilia!* (1998), este dossiê reúne sete ensaios brasileiros sobre diversos aspectos do trabalho do casal, escritos por estudiosos de diferentes gerações e procedências (USP, UFMG, UFRJ e UnB).

Tomando *Antígona* (1991) como exemplo privilegiado, Luiz Carlos de Oliveira Júnior examina o trabalho de *mise-en-scène* dos Straub, e atenta para o seu diálogo com Brecht e Cézanne. João Lanari volta ao mesmo filme numa outra angulação, confrontando as escolhas dos cineastas com a tragédia de Sófocles, a tradução de Hölderlin e a versão de Brecht. Theo Costa Duarte assinala e analisa estratégias de distanciamento presentes em *O noivo, a atriz e o cafetão* (1968), remetendo-as a Brecht sem reduzi-las à sua herança. Pedro Aspahan aborda as relações do cinema dos

7. Ernesto Gougain, Fernanda Taddei, Mateus Araújo Silva, Patrícia Mourão e Pedro França (Orgs.), *Straub-Huillet*. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2012, 271p.

8. Mateus Araújo Silva, "Glauber Rocha e os Straub: diálogo de exilados" (p.243-63).

9. Das concluídas, citemos a dissertação de mestrado de um dos editores desse volume, *O cinema de Straub e Huillet: diálogos com Pavese* (João Dumans, B. Horizonte: FAFICH-UFMG, 2013, 209p.) e o capítulo sobre os Straub da tese de doutorado de Cristian Borges, *Vers un cinéma en fuite: le puzzle, la mosaïque et le labyrinthe comme clefs de composition filmique* (Paris: Univ. de Paris III, 2007).

10. Ver, entre outros, "O cinema como ato de dissidência" (2006), de Carlos Adriano, na revista *Trópico*; "A ópera do cinema intransitivo contra as almas desgostosas" (2000) e "Homenagem a Danièle Huillet" (2006), de Ruy Gardner, e "Uma visita ao Louvre" (2007) e "Crônica de Anna Magdalena Bach" (2009), de Luiz Carlos de Oliveira Jr., na *Contracampo*; "A imagem e o Infinito" (2008) e "A épica dos gestos" (2011), de Luiz Soares Júnior, "Primeira Vista" (2013), de Dalila Martins, e "Nas sombras da imagem" (2014), de Raul Arthuso, na *Cinética*.

Straub com a música de Schoenberg, e aponta uma homologia entre a partitura da ópera *Moisés e Aarão* do compositor austríaco e a decupagem do filme homônimo do casal, que a relê em 1974. Anita Leandro parte das conversas do casal no documentário *Onde Jaz o teu sorriso?* (Pedro Costa, 2001) para propor um exame agudo das estratégias de montagem em seus filmes, articulando-as também com outros aspectos do seu trabalho (uso do som, atuação dos atores etc). Os editores do volume contribuem também com dois textos: o primeiro trata de um veio ensaístico no trabalho dos Straub, apontando-o e discutindo-o em cinco filmes do casal e em dois curtas mais recentes de Straub; o segundo discute o sentido do diálogo travado pelos Straub com os textos de Pavese, explorando o estatuto do mito e da natureza em *Da nuvem à resistência* (1978) e *Aqueles encontros com eles* (2005).

Neste mero anúncio dos seus temas, o leitor perceberá logo que estes ensaios não cobrem nem de longe o largo espectro dos filmes dos cineastas e das questões que eles suscitam. Possam eles ao menos sugerir algumas linhas de força de sua recepção recente no Brasil, e representar também os outros textos recebidos para este dossiê, cujas discussões nos interessaram e cujos autores merecem nosso sincero agradecimento. Face à limitação de espaço e à necessidade de escolher alguns em detrimento dos outros, os pareceristas e os editores julgamos que os textos aqui recolhidos traziam, entre todos os recebidos, as formulações mais felizes, embora necessariamente parciais, do debate brasileiro em curso sobre os Straub.

Completam ainda o volume, na seção *Fora-de-Campo*, dois textos sobre cineastas cujas poéticas, mobilizando o mito e a palavra oral, revelam uma íntima fraternidade com o cinema dos Straub. Emílio Maciel enfrenta, num ensaio denso, a riqueza de significações de dois filmes (*Trás-os-montes*, de 1976, e *Ana*, de 1982) de outro casal de cineastas radicais, os portugueses Antônio Reis e Margarida Cordeiro. O crítico francês Émile Breton discute, enfim, com muita propriedade, o pendor e o prazer de seu amigo Jean Rouch pela atividade de narrar, que está no coração de toda a sua obra.

João Dumans e Mateus Araújo

STRAUB E

HUILLET